



ENTRE A POESIA E A PROSA: OS ASPECTOS POÉTICOS DA NARRATIVA *POR PARTE DE PAI*, DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

Ana Carla SOUZA; Naelza de Araújo WANDERLEY
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO:

É comum destacarmos as diferenças referentes a poesia e a prosa, geralmente evidenciando as distinções quanto à estrutura e à linguagem desses gêneros. Como traços distintivos para a poesia, costuma-se apontar as rimas que marcam os versos e formam as estrofes dos textos poéticos, diferentemente do texto em prosa, que é escrito verticalmente e em forma de narrativas, por exemplo, seguindo uma linearidade. Vale salientar que vários outros elementos são inerentes ao gênero poético, não se limitando, portanto, apenas às rimas. É possível unir a prosa e a poesia em um mesmo texto e ao invés de estarem em pontos divergentes nas discussões, neste caso, entrelaçam-se, mantêm suas peculiaridades e ambas compõem, assim, uma prosa-poética. A prosa-poética do autor Bartolomeu Campos Queirós tem como estrutura o texto em prosa, embora permita ao leitor um encontro recorrente com belas passagens de tom profundamente poético expresso, principalmente, através das metáforas presentes no texto. O livro *Por parte de pai* (1995), escrito por esse autor mineiro, é um exemplo a ser destacado. Tomamos essa narrativa como *corpus* de análise para a elaboração desse artigo, que objetiva evidenciar alguns traços específicos da poesia que se fazem presentes nessa obra. Para tanto, fundamentamo-nos nas contribuições teóricas de Adorno (2003), Silva (2009), Staiger (1975), dentre outros autores.

Palavras-chave: Poesia, Prosa, *Por parte de pai*.

1 INTRODUÇÃO

O ato de ler é um processo dinâmico em que a leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da primeira. Porém, de alguma forma, é possível ir além e dizer que a leitura da palavra não é apenas antecedida pela leitura de mundo, mas, um modo de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo” (FREIRE, 1989).

Tendo em vista a leitura de cunho literário, Queirós (2005) ressalta que a própria literatura é feita de fantasia. Já a escola, por ser servil, a quer transformar em um instrumento pedagógico, limitado. Entretanto, não percebe que a literatura exige do leitor uma mudança, uma transferência movida pela emoção.

Assim, “não importa o que o autor diz, mas o que o leitor ultrapassa” (QUEIRÓS, 2005, p.160). A literatura é composta de palavras e é preciso um projeto de educação capaz de despertar o sujeito para o encanto delas. O autor considera toda palavra composta, já que ao dizer a palavra “pai”, por exemplo, cada indivíduo aprende conforme sua experiência de vida. Para uns, “pai

é aquele que o abandonou, para outros, o que adoçou, para outros, o que eles não conheceram, e assim por diante. Nenhuma palavra é solitária.” (QUEIRÓS, 2005, p.160).

Constituindo o objeto de estudo de uma pesquisa mais abrangente, tomamos a obra *Por parte de pai*, do autor Bartolomeu Campos Queirós como *corpus* de análise para a elaboração desse artigo, que objetiva evidenciar alguns traços específicos da poesia que se fazem presentes nessa obra.

Prosa poética. Narrativas autobiográficas. Eis algumas expressões a que se pode recorrer para caracterizar a obra desse autor, segundo Oliveira (2002). Queirós teve seu primeiro livro publicado em 1974, *O peixe e o pássaro*, seguido de outros: *Pedro* (1981), *Onde tem bruxa tem fada...* (1979), *Fadaafiada* (1997), *Ciganos* (1982), *Flora* (2001), *Indez* (1986), *Correspondência* (1986), *Por parte de pai* (1995), *Minerações* (1991), *Apontamentos* (1989), *As patas da vaca* (1989), *Diário de classe* (1992), *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996), dentre outros.

Com seu jeito peculiar, Queirós entrelaça em suas obras a prosa e a poesia. Outro traço comum em seus livros é a referência à infância, a exaltação do jogo imaginativo em que vive toda criança. Em *Por parte de pai* (1995), temos a história de um menino que vive com seus avôs paternos, Maria e Joaquim, pois sua mãe faleceu e seu pai é caminhoneiro. Joaquim, o avô, enfeitava as paredes da casa com sua letra bonita, descrevendo tudo que acontecia na cidade. O menino tinha uma afinidade especial com seu avô e através dessa relação familiar temos a oportunidade de acompanhar as aprendizagens, brincadeiras, devaneios e medos do personagem.

Segundo Pellegrini (2005, p.84) “por parte da avó a experiência é vivenciada através das narrativas orais, por parte do avô vem por meio do registro dos acontecimentos da cidade”. Como já mencionamos anteriormente, ele escrevia nas paredes de casa, ou, ainda, nos cadernos, suas reflexões, que, geralmente, eram feitas por meio de um provérbio. Conforme a autora, essa é uma característica da oralidade, do folclore, comum nas cidades do interior, principalmente da zona rural, que é passado de geração para geração, e, no caso dessa narrativa, por meio do avô.

Assim, a experiência “vai sendo vivida nas práticas diárias do avô, das quais o narrador sempre era chamado a participar” (PELLEGRINI, 2005, p. 86). Essa narrativa, mostra, segundo Pellegrini (2005), a capacidade do menino de ler o mundo a partir das experiências de vida do avô e que deixam marcas no narrador, por meio de uma sensibilidade

que permite a compreensão das diversas dimensões da leitura.

Em *Por parte de pai* (1995) a poesia não é representada através de formas poéticas clássicas, ou seja, marcadas, por exemplo, com estrofes ou versos metrificados, características constantemente associadas a esse gênero literário. Os aspectos poéticos presentes, que partem da experiência de vida do avô e do personagem principal, entrecruzam-se com a prosa por meio de uma linguagem metafórica, com características da oralidade, cujos provérbios populares é uma marca dessa linguagem.

Buscaremos, portanto, neste artigo, analisar alguns traços poéticos presentes na narrativa *Por parte de pai* (1995), do autor Bartolomeu Campos Queirós e ressaltaremos também através desse trabalho analítico a importância da leitura literária.

2. POESIA E PROSA LITERÁRIA

Em *O lirismo de si mesmo: leitura de "Poética" de Manoel Bandeira*, Jorge Koshiyama (1996) diz que ler um poema é pôr-se à escuta do outro, mas não apenas de uma voz. O autor menciona Manoel Bandeira e evidencia que o poeta lia como se cada poema nascesse ao passar por sua voz. Desse modo, compreendemos que ler um poema não é decodificar, mas é saber apreciar e entender a sua composição estética para que, assim, possamos sentir e também veicular uma real emoção por meio da leitura. "Acolher a poesia é dar abrigo a esta voz e a uma relação entre o Eu e o Mundo." (KOSHIYAMA, 1996, p.82)

Koshiyama (1996), ao tratar da leitura do poema, questiona-nos: "O que faz de um poema um poema?" e a partir da sua indagação reflete sobre o sentido da palavra "poética", que deriva do grego *poiein*, e tem como definição fazer, criar, portanto, é "o estudo da criação poética em si mesma". Já poema significa "o que é ou foi criado pela mão do homem, um termo equivalente a *artefato, resultado de arte, artesanato.*" (KOSHIYAMA, 1996, p.83). Logo, temos a criação (poética) e o seu resultado (o poema).

A partir do conceito da palavra poética, "criação", ressaltamos também um dos elementos poéticos mencionados por Cortázar (2006), a linguagem metafórica. O autor inicialmente exemplifica:



Uma criança de quatro anos de idade pode dizer com toda espontaneidade: “Que esquisito as árvores se agasalham no verão, ao contrário da gente”, mas só aos oito, e com que trabalho, aprenderá as características dos vegetais e o que vai de uma árvore a um legume. (CORTÁZAR, 2006, p. 86)

O conhecimento de cunho científico será apreendido ao decorrer dos anos de estudos, mas para Cortázar (2006, p.86) “foi suficientemente provado que a tendência metafórica é lugar-comum do homem, e não uma atitude privativa da poesia [...]”. Independentemente da idade, naturalmente metaforizamos ao nos expressar, mesmo que não saibamos o significado de tal termo, pois;

[...] a linguagem íntegra é metafórica, referendando a tendência humana para a compreensão analógica do mundo e o ingresso (poético ou não) das analogias nas formas da linguagem. (CORTÁZAR, 2006, p.86).

É possível afirmar que a linguagem metafórica está inserida em nós, ou seja, faz parte do nosso cotidiano e o poeta se apropria desse elemento para criar sua arte, tendo, assim, esse recurso como uma das características que marcam o texto poético. No entanto, não é apenas nos versos e estrofes que a metáfora se faz presente, ela encontra-se também na prosa.

Podemos mencionar a obra *Por parte de pai* (1995) como um exemplo, uma vez que Bartolomeu Campos Queirós utiliza a metáfora na criação do seu texto em prosa e por meio desse elemento o autor induz o leitor a uma reflexão, pois Queirós não apresenta simplesmente os fatos de modo objetivo, através da metáfora ele proporciona um jogo poético a partir da relação estabelecida, por exemplo, entre os referentes, a boca e o tempo: “O tempo tem uma boca imensa.” (QUEIRÓS, 1995, p. 75). Para tanto, o leitor precisa interpretar para apreender os sentidos das entrelinhas do texto.

Schuler (1989) destaca que romance é poesia, já que “empregamos aqui em sentido amplo, poesia como arte literária. À maneira do poema, o romance também se faz com palavras e com elas se constrói o mundo romanesco.” (SCHULER, 1989, p.12). Na discussão do tópico *O romance como poesia*, Schuler (1989) apresenta alguns fragmentos que mostram a transgressão dos limites que teoricamente traçamos entre prosa e poesia, realizados pelos romancistas desde os primeiros momentos do romance brasileiro, tal como em *Iracema* de José de Alencar, em que a pontuação foge dos hábitos da prosa, pois finaliza o parágrafo com ponto e vírgula.

O autor do texto em prosa busca na poesia a desarticulação e abala as certezas que carregamos ao nos ater apenas às regras textuais. Assim,

“foi-se o período pleno. As ideias aparecem truncadas, vêm aos pedaços. O não dito supera o declarado. O narrador anuncia o fixo, mas é do instável que fala.” (SCHULER, 1989, p.14); características da poesia que se entrelaçam à prosa e resultam em novas peculiaridades que são próprias da literatura.

Desse modo, segundo Schuler (1989, p.19), fazendo-se poesia, o romance (o qual tratamos neste trabalho como a representação do texto em prosa) foge da rigidez do texto de natureza científica e do autoritarismo do discurso ideológico. A obra romanesca torna-se “espaço de experimentação, de configurações variadas, de recursos múltiplos, que substituem a unidade do enunciador pela pluralidade dos enunciados.”

Schuler (1989, p.12) adverte também que diante da leitura de um romance o leitor deve adotar uma atitude distinta da leitura de um texto científico ou de periódico. Pois, nessas áreas, com base no autor, “a linguagem se aniquila em benefício do conteúdo abordado”, já o romance, ao contrário, possui a liberdade e “mantém simultaneamente ativos o mundo representado e os veículos que o oferecem”, sem ter em vista apenas o assunto a ser informado.

Essa última reflexão sobre o modo de ler o texto científico e o romance não serve apenas para o texto em prosa, mas também para poesia. É compreensível, pois o texto de cunho literário, seja em poesia, seja em prosa, possui particularidades que o fazem díspar e assim peculiar em seu modo de ler.

Ainda sobre poesia e prosa literária, D’Onofrio (2004, p.24) afirma que a fronteira entre esses gêneros é bastante fluida, existindo formas intermediárias, chamadas de *poemas em prosa* ou *prosas poéticas*. A distinção poesia/prosa era incontestada até a época do neoclassicismo, pois a estética clássica considerava poesia “o texto literário que se caracterizava pela sobrecarga do código retórico relativo ao uso da versificação, da escolha das palavras, das figuras de estilo, dos tópicos consagrados.” (D’ONOFRIO, 2004, p.24). Mas, depois do pré-romantismo, houve uma revolução do conceito de poético, assim:

[...] enquanto a prosa literária tende a poetizar-se pelo uso de imagens, símbolos e ritmos, a poesia se aproxima cada vez mais da prosa literária pela renúncia aos esquemas métricos, rítmicos, estróficos. O verso-livrismo destrói a periodicidade do retorno fônico, o paralelismo sonoro, que caracteriza a poesia tradicional. O moderno conceito de poeticidade está centrado, mais do que em esquemas formais, num objeto ou numa realidade sentida e descrita artisticamente. (D’ONOFRIO, 2004, p. 25)



Não é apenas a prosa que utiliza aspectos da poesia, a poesia também se vale da prosa e ambas compartilham características comuns. Esse fato nos leva a refletir também a respeito da indagação apresentada por D’Onofrio (2004, p.25), que questiona: “anulada a diferença formal e identificando o objetivo poético, qual é o critério para distinguirmos a prosa literária da poesia propriamente dita, um conto de um poema?”

D’Onofrio (2004, p.25) explica que a diferença entre as características comuns à prosa e à poesia consiste no grau, maior ou menor, de poeticidade que atuam no texto. A poesia se distingue “pela presença em grau maior dos elementos fônicos, lexicais, sintáticos e semânticos constitutivos da linguagem poética.” Do mesmo modo na narrativa literária, os elementos narrador, ação, personagem, espaço e tempo aparecem de modo reduzido no poema.

O autor lembra que a poesia não se diferencia da prosa pela presença da rima, pois há poemas sem rimas, bem como há poemas de metro irregular ou sem metro, temos prosa literária com ritmo poético e romances sem divisão em capítulo ou poemas sem divisão estrófica. A diferença para D’Onofrio (2004, p.26) consiste na presença ou não do verso. Em latim, verso (*versus*) significa “retorno”, “volta para trás”, já prosa (*prorsus*) significa “ir para a frente”, “avançar sem limites”, para tanto “a prosa se caracteriza pelo ritmo da continuidade e a poesia pelo ritmo da repetição.”

Apesar das diferenças formais, os elementos estruturais do texto poético são comuns a qualquer obra literária, adverte o pesquisador. A divisão apresentada por D’Onofrio (2004), sobre os elementos da narrativa e do poema, tem apenas finalidade metodológica e didática.

Enquanto a poesia apropriou-se da fantasia, para a prosa foi reservado o campo da ciência e da verdade. Mesmo quando a prosa adentrou no território imaginativo da poesia, preservou seu caráter verossímil. Tendo em vista essa característica, o grau de “credibilidade”, D’Onofrio (2004) oferece também esse critério para distinguir a prosa da poesia.

Ao discutir sobre os gêneros literários poesia e prosa, foi possível perceber que ambos se entrelaçam, tornando um misto que podemos denominar de prosas poéticas, apesar de também se diferenciarem em vários aspectos. Nem todos os autores utilizam em suas obras o entrecruzamento desses gêneros, mas Bartolomeu Campos Queirós, em *Por parte de pai* (1995), é um exemplo de escritor que apresenta juntamente à prosa um viés poético.



2.1 A PROSA POÉTICA DE BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS

No livro *Por parte de pai* (1995), de Bartolomeu Campos Queirós, o avô do personagem “oferece ao neto uma espécie de biblioteca desordenada de nossa vida letrada, isto é, os textos ali estão como surgem em nosso cotidiano, de modo espontâneo, em situações diversas” (AGUIAR, 2008, p. 181). Ao ler os textos escritos pelo avô, o neto (personagem principal) exercita a leitura e vai exercendo habilidades, tais como identificar, analisar e interpretar.

Essa narrativa poética traz memórias que revelam uma relação familiar. Lima e Pereira (2008) ressaltam que não há uma sequência cronológica na edição das memórias do personagem na obra, parece um fluxo de sentimentos e recordações, fato, que segundo as autoras, reflete o próprio conceito de memória como atividade involuntária. Elas mostram que a forma como as histórias aparecem na obra é essencial para notar como funciona o pensamento associativo da criança. Assim, conforme as pesquisadoras, as memórias são contadas conforme as impressões subjetivas de muitas estórias, desse modo há sempre uma ligação que as une, seja uma palavra, um personagem ou um objeto.

O enredo da obra *Por parte de pai* (1995) ressalta a história de um menino, como já foi mencionado no início deste trabalho, que vive com seus avós, Maria e Joaquim, pois sua mãe faleceu e seu pai é caminhoneiro. O personagem principal tinha uma afinidade especial com seu avô e com ele também aprendeu que homem não deve chorar.

Em sua casa Joaquim enfeitava as paredes com sua letra bonita, descrevendo tudo que acontecia na cidade, mas as histórias consideradas indevidas eram escritas no alto, assim só quem tivesse altura suficiente as liam. Maria, a avó, não gostava do silêncio, conversava e resmungava o tempo inteiro, até que um derrame a deixou de cama. A partir desse momento, se escondia e não reconhecia mais os filhos. Ao perceber a gravidade da situação, Joaquim, que andava desgostoso e preocupado com sua esposa, certo dia, chamou seu neto para conversar. Falou sobre o tempo que nos engole e como caminhamos para a “boca do tempo”.

As prosas poéticas do autor Bartolomeu Campos Queirós têm como estrutura o texto em prosa, embora seja possível nos depararmos de forma recorrente com aspectos poéticos, a exemplo da forte presença de metáforas. Para ilustrar essa discussão vejamos um fragmento que ilustra essa poeticidade:



O tempo tem uma boca imensa. Com sua boca do tamanho da eternidade ele vai devorando tudo, sem piedade. O tempo não tem pena. Mastiga rios, árvores, crepúsculos. Tritura os dias, as noites, o sol, a lua, as estrelas. Ele é dono de tudo. Pacientemente ele engole todas as coisas, degustando nuvens, chuvas, terras, lavouras. Ele consome as histórias e saboreia os amores. Nada fica para depois do tempo. As madrugadas, os sonhos, as decisões, duram pouco na boca do tempo. Sua garganta traga as estações, os milênios, o ocidente, o oriente, tudo sem retorno. E nós, meu neto, marchamos em direção à boca do tempo. (QUEIRÓS, 1995, p. 71).

Em um determinado momento do enredo, o menino terá que partir da casa dos seus avós e para explicar ao seu neto, bem como se despedir dele, o avô fala do tempo, mas não de forma prática e sim poeticamente. Na sua explicação, ele, metaforicamente, refere-se ao tempo afirmando que este tem uma “boca imensa”.

A partir da boca, que através dela somos capazes de mastigar, triturar, devorar, o avô não associa os alimentos, mas outros objetos que não somos capazes de mastigar com a “boca”. No entanto, através da boca do tempo, tudo será acabado.

Por meio das palavras do avô é possível perceber sua tristeza e aceitação do poder que o tempo tem de modificar todas as coisas, sejam “rios”, “árvores”, “sol”, “lua”, “chuvas”, “terras”, “lavouras”. Ele é o dono de tudo. O tempo também “consome histórias e saboreia amores”, conforme Joaquim (avô).

Assim, com a passagem do tempo nada fica para depois, não há retorno, nem opções de escolhas, portanto, estamos à mercê do tempo e sempre marchamos em direção a sua boca, ou seja, também seremos devorados.

Em *Por parte de pai* (1995), a poesia não é representada através de formas poéticas clássicas, ou seja, marcadas, por exemplo, com estrofes ou versos metrificados, características constantemente associadas a esse gênero literário. Os aspectos poéticos presentes, que partem da experiência de vida do avô e do personagem principal, entrecruzam-se com a prosa por meio de uma linguagem metafórica, com características da oralidade, cujos provérbios populares são uma marca dessa linguagem. O provérbio ou dito popular, segundo Massaud Moisés (2004, p. 375), “designa o saber do povo que é expresso de forma lapidar, concisa e breve”.

Semelhante à poesia popular, o caráter dado ao conteúdo lírico, segundo a concepção de Adorno (2003, p.66), é “essencialmente social”, ou seja, “A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela”. Queirós, em sua

prosa, registra os fatos, ora de forma poética,

contemplando sentimentos que à primeira vista são próprios, individuais dos personagens, sem, no entanto, deixar de lançar seu olhar sobre a vida de maneira mais ampla, remetendo-nos para o que Adorno (2003, p.67) reflete sobre o caráter universal do gênero lírico: “essa universalidade do teor lírico, contudo, é essencialmente social. Só entende aquilo que o poema diz quem escuta, em sua solidão, a voz da humanidade...” além disso, essa citação de Adorno também nos diz que o conteúdo expresso no poema pode ser apreendido a partir de uma experiência individual (já que cada leitor tem suas disposições particulares), mas que pode ser universal no sentido de que refere-se a sentimentos e ideias que fazem parte da vivência humana, de modo geral.

Em sua reflexão sobre o gênero poético, Silva (2009) afirma que na poesia há uma liberdade que os outros gêneros não têm. Para confirmar sua declaração, vale-se da expressão utilizada por Emil Staiger (1975, p.44) – disposição anímica – defendido pelo crítico quando afirma que “o poeta lírico não exige coisa alguma; ao contrário, ele cede, deixa-se levar para onde o fluxo arrebatador da ‘disposição anímica’ o queira conduzir”, ou seja, quando nos encontramos em idêntica disposição interior, o elemento de uma poesia pode nos emocionar.

Sendo assim, ao se abordar o gênero lírico no contexto da sala de aula, segundo Silva (2009), o professor deve conduzir o leitor a essa “disposição anímica” para que possa haver o encontro do aluno com o estético, já que sozinho, diante das possíveis limitações e dificuldades no campo da leitura, o aluno talvez não consiga vivenciar a leitura efetiva dos textos literários e contemplar de fato a compreensão e interpretação das obras.

A atividade de leitura consiste no desenvolvimento de uma habilidade em que se faz necessário aprender a analisar e interpretar os sentidos presentes no texto. Desse modo, o aluno tem a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, bem como sentir prazer a partir do ato da leitura. A obra *Por parte de pai* (1995), de Bartolomeu Campos Queirós, proporciona a oportunidade do leitor vivenciar a leitura de um texto não apenas em prosa, mas também com características poéticas, basta ele buscar identificar e compreender o que Queirós oferece não apenas na superfície, mas nas entrelinhas dos relatos memorialísticos apresentados no texto.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo evidenciar alguns traços poéticos presentes na narrativa *Por parte de pai* (1995), de Bartolomeu Campos Queirós. Para isso, nos amparamos teoricamente em autores que discutissem sobre poesia, prosa e a respeito da denominação prosa-poética, aspectos presentes na obra em estudo.

Constatamos que embora a narrativa se estruture formalmente a partir de elementos que a caracterize como um texto em prosa, a poesia entrelaça o texto de Queirós revelando uma linguagem marcada pela oralidade e, especialmente, pelo teor poético que denotam suas metáforas e expressões populares. Partindo de seu conhecimento de mundo, metaforicamente, o autor tece sua poesia e cria laços com a prosa ao narrar suas histórias. Através da sua prosa-poética, brotam experiências humanas bastante ricas, como a do personagem principal que desde cedo é convocado a experimentar as dores das perdas que a vida lhe impõe.

Tendo em vista as peculiaridades presentes em *Por parte de pai* (1995), acreditamos que essa obra oferece ao leitor a possibilidade dele conhecer a narrativa e se identificar com a história, pois contém fatos que são familiares a todos, como o medo, a dor da perda e da despedida, por exemplo. Desse modo, é possível aproximar o leitor do texto literário e desenvolver um trabalho que parta do próprio contexto do leitor para a leitura do livro. Além disso, a estrutura textual da obra, que abarca não apenas a prosa, mas também aspectos poéticos, a singulariza por entrelaçar características de gêneros que comumente são trabalhadas separadamente.

4 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Trad. de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **A palavra na boca do tempo**. In: **Narrativas juvenis: outros modos de ler**. CECCANTINI, João Luís. PEREIRA, Rony Farto. (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. Tradução e organização: Davi Arrigucci Jr. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

D'ONOFRIO, Salvatore. Estrutura do texto literário. In: **Teoria do texto: Prolegômenos e teoria da narrativa**. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23.ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KOSHIYAMA, Jorge. O lirismo em si mesmo: leitura de "Poética" de Manoel Bandeira. In: BOSI, Alfredo. **Leitura de poesia**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LIMA, Marta Maria Soares de. PEREIRA, Jaquelânia Aristides. **A infância poética em Bartolomeu Campos de Queirós: uma leitura de Ler, escrever e fazer conta de cabeça**. In: PINHEIRO, Hélder. ARISTIDES, Jaquelânia. SILVA, Maria Valdênia da. ARAÚJO, Miguel Leocácio (Orgs.). **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008. 175p.

MOISÉS, MASSAUD. **Dicionário de termos literários**. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PELLEGRINI, Stella de Moraes. **Caminhos e encruzilhadas: percursos poético e político de Bartolomeu Campos de Queirós, da formação do leitor à formação dos leitores**. Belo Horizonte: RHJ, 2005.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Por parte de pai**. 8.ed. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. Literatura: leitura de mundo criação da palavra. In: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2005. 178 p.

SILVA, Vaneide Lima. **Poesia para adolescentes: estudo crítico de obras e vivência em sala de aula**. João Pessoa: UFPB, 2009. (Tese de doutorado)

SCHULER, Donald. Tecido verbal. In: **Teoria do romance**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da Poética**. Trad. de Celeste A. Galeão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.